

Arthur Valle
Camila Dazzi
Isabel Portella

Oitocentos

TOMO III

Intercâmbios Culturais entre Brasil e Portugal

2ª Edição

Rio de Janeiro
CEFET/RJ
2014



2014

Realização da Publicação

CEFET/RJ

UFRRJ

Museu da República/RJ

Organização

Arthur Valle

Camila Dazzi

Isabel Portella

Projeto Gráfico

Camila Dazzi

Revisão e Editoração

Smirna Cavalheiro/ComTexto

Editoras

CEFET/RJ

DezenoveVinte

Correio eletrônico

dezenovevinte@yahoo.com.br

Meio eletrônico

A presente publicação reúne os textos de comunicações apresentadas de forma mais sucinta no III Colóquio de Estudos sobre a Arte Brasileira do Século XIX. Os textos aqui contidos não refletem necessariamente a opinião ou a concordância dos organizadores, sendo o conteúdo e a veracidade dos mesmos de inteira e exclusiva responsabilidade de seus autores, inclusive quanto aos direitos autorais de terceiros.

700
O39

Oitocentos - Tomo III : Intercâmbios culturais entre Brasil e Portugal. 2ª.
Edição / Arthur Valle, Camila Dazzi, Isabel Portella (organizadores).– Rio de Janeiro: CEFET/RJ, 2014. II.
600 p.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-7068-010-5

1. Arte. 2. Arte – Brasil. 3. Arte – Portugal. 4. Arte – História. I. Valle, Arthur. II. Dazzi, Camila. III. Portella, Isabel. IV. Título.

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7068-010-5



9 788570 680105



41. Embrechados: De Portugal ao Brasil

Zeila Maria de Oliveira Machado¹



U termo embrechado está relacionado com decoração de revestimento arquitetônico, portanto, um elemento artístico integrado à arquitetura, se apropriando de materiais diversos, tais como: fragmentos de porcelana (elemento principal), porcelana inteira (pratos e pires), conchas, seixos e búzios, consolidando numa composição ingênua e rica em detalhes.

O embrechado surgiu na Europa, especificamente na Itália, se apresentando em grutas dos jardins públicos e particulares desde a primeira metade do século XVI; esta técnica se expandiu pela Europa, chegando a Portugal no século XVII com apresentação diferenciada, pois até então, o embrechado se resumia a mistura de conchas e seixos, passando a utilizar fragmentos de porcelana, porcelanas inteiras e canutilhos; também passou a ser empregada em muros de jardins e conventos. No Brasil, esta arte foi introduzida em finais do século XVIII e início do XIX, sob influência portuguesa e empregada nos jardins (bancos, fontes, grutas e muros), capelas e, principalmente, nas torres e frontões de igrejas.

Percebe-se que esta arte foi aplicada especificamente em ambientes sacros, cumprindo, entretanto, uma função específica, cujo artifício possivelmente se deu pela suavidade dos materiais, quer seja pelo recurso dos tons pastéis e brilhosos das conchas, tons marrons e brancos dos seixos e tons azuis e brancos, até mesmo os coloridos suaves das porcelanas, causando, assim, efeito luminoso com a incidência da luz solar ou artificial.

Pretende-se neste artigo alcançar uma conexão entre o embrechado brasileiro e português, utilizando dois exemplos – Convento São Francisco, no Brasil e Quinta das Lapas, em Portugal. Neste contexto expõem-se os embrechados brasileiros e portugueses, apontando as características, os materiais e o período. Neste processo de investigação, foram realizadas análises específicas em

¹ Mestre em História da Arte pela Universidade Federal da Bahia.

laboratórios especializados da Universidade Federal da Bahia, tais como: Núcleo de Tecnologia da Preservação e Restauração (NTPR), onde houve a análise da argamassa do assentamento do embrechado para verificação das proporções da cal, como também, o Laboratório de Malacologia e Ecologia de Bentos (LAMEB), da Escola de Biologia da mesma universidade, para obtenção da identificação das conchas e, assim, avaliar a influência e período de manufatura.

Embrechados no Brasil

O embrechado brasileiro se expandiu no século XIX, com aplicação em jardins (bancos, muros, grutas e fontes) e, principalmente, em frontões e torres de igreja. Período marcado pela movimentação de bens de consumo e extensão da influência de outros países, além de Portugal.

A partir de 1815 o Brasil tornou-se Reino Unido de Portugal, e o príncipe regente Dom João VI investiu no crescimento e dinamizou a estrutura social, econômica e cultural, ocorrendo, então, grandes transformações no mundo social brasileiro.

Para Rodrigues², a cultura nacional sofreu fortes influências pelos países europeus. Com a chegada da corte portuguesa, o país recebeu benefícios na área cultural através da missão francesa, embora estes artistas atuarem na cidade do Rio de Janeiro houve uma mudança de comportamento nas principais cidades do país.

Os ideários europeus se disseminaram no país; a elite do império brasileiro se caracterizou pela busca de gênero dos costumes franceses e ingleses, onde os franceses contribuíram com as artes plásticas, arquitetura e moda, enquanto os ingleses introduziram novas mercadorias domésticas, tais como: porcelanas, painéis de ferro e elementos decorativos³.

² RODRIGUES, Francisco Xavier Freire. A sociologia de Gilberto Freyre e o processo civilizador brasileiro. **Akrópolis** – Revista de Ciências Humanas da UNIPAR, Umuarama, v. II, n. 2, p. 58-59, abr./jun. 2003. Disponível em: <http://revistas.unipar.br/akropolis/article/viewFile/331/298> Acesso em: 12 fev. 2012.

³ MACHADO, Zeila Maria de Oliveira. **Embrechado como representação de arte: Repertório religioso do século XIX em Maceió, Nazaré, Jaguaripe e Salvador**. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-Graduação da Escola de Belas-Artes da Universidade Federal da Bahia, orientado pela Professora Doutora Maria Hermínia Olivera Hernández, Salvador, 2012.

Rodrigues⁴ ressalta a influência dos europeus no século XIX da seguinte forma:

A mudança que o Brasil vive no século XIX recebeu o nome de europeização ou reeuropeização. A formação do estado autônomo e o advento do mercado podem ser entendidos como um grande impacto democratizante na sociedade brasileira naquele período, com sérias consequências econômicas, políticas e culturais no futuro.

Com relação ao estilo de vida, outro aspecto importante na sociologia de Freyre, cabe ressaltar a forte influência dos interesses comerciais do industrialismo inglês, por meio da mudança de hábitos, nas construções de casas, jeito de vestir, moda, tecidos grossos inadequados ao clima brasileiro tropical. Agora no Brasil se bebia cerveja e se comia pão, como os ingleses.

Os hábitos portugueses e orientais passam a ser vistos como mal, não modernos. A busca por esses símbolos de distinção abriram espaço para a emergência de um mercado interno, aumentando as imitações e importações, particularmente de produtos franceses. As mudanças econômicas impulsionaram mudanças culturais, ideias liberais, individualistas. Neste contexto o conhecimento teve papel importante no Brasil, como elemento burguês moderno, ele valorizou o talento individual, emergindo um mercado especializado, com funções definidas.

A cidade do Rio de Janeiro, sede da corte, foi centro administrativo, político, econômico, social e cultural do império. Sendo assim, houve a necessidade de adaptação para os novos habitantes, impôs conforto e beleza, culminando com mudança nos costumes, na arte e, principalmente na arquitetura, que sofreu reformas e novas construções. Dentre essas mudanças, os jardins públicos e privados foram os que mais se destacaram, uma vez que, estava inserido nos costumes da população o sentido de recolhimento em busca de tranquilidade, privacidade e frescor, característica fundamental do jardim. Para a corte portuguesa, que além de estarem acostumados com os jardins europeus, quando aqui chegaram, diante do clima tropical, sentiam a necessidade de estarem fora da casa em busca do frescor e de um local reservado. Mas, para isso, haveria de ter reformas fundamentais, pois o tipo de jardim aqui encontrado era muito diferente do que estavam acostumados. Com isso, Glaziou, botânico francês que aqui chegou em

⁴ RODRIGUES, Francisco Xavier Freire. A sociologia de Gilberto Freyre e o processo civilizador brasileiro. *Akrópolis* – Revista de Ciências Humanas da UNIPAR, Umuarama, v. II, n. 2, p. 58-59, abr./jun. 2003. Disponível em: <http://revistas.unipar.br/akropolis/article/viewFile/331/298> Acesso em: 12 fev. 2012.

1858, a convite do imperador Dom Pedro II com o objetivo de executar projetos de jardins, classificou os jardins brasileiros como jardim espontâneo por haver senzala, poço de água potável, pombal, galinheiro, chiqueiro, animais domésticos e tudo que se existia num sítio. Glaziou realizou projetos como: Parque São Clemente em Nova Friburgo, São Cristovão (incluindo a área pública e privada – Palácio São Cristovão) e Campos de Santana⁵.

Em 1843, Dom Pedro II se casou com D. Teresa Cristina, filha do príncipe herdeiro do reino das Duas Sicílias, e o fruto desse matrimônio foi o nascimento de quatro filhos, dois homens e duas mulheres, sobrevivendo apenas às meninas – D. Isabel e D. Leopoldina. D. Teresa Cristina se empenhou em realizar melhorias no jardim, realizando então, um novo tipo de decoração, até então desconhecida: Embrechados, ou seja, aplicaram-se fragmentos de porcelana, porcelanas inteiras e conchas em todo muro que circunda o jardim, assim como nos bancos e na fonte, e esse jardim foi apelidado de jardim das princesas, por ser um espaço utilizado para a recreação das princesas [Figuras 41.1 e 41.2]⁶.

Segundo relato da arqueóloga Maria Beltrão (museóloga aposentada do Museu Nacional sediado no Palácio da Quinta da Boa Vista), durante as prospecções arqueológicas realizadas em meados da década de 1990 na área do jardim, quando realizou pesquisa sobre o passado dos moradores do palácio – projeto histórico sobre sua coordenação – foi encontrado inscrição na argamassa em um dos recostos dos bancos contendo a data de 29 de julho de 1852 – mesma data de aniversário de seis anos da princesa Isabel. A pesquisadora acrescenta que não há documento algum sobre reformas ou construções do jardim das princesas no Arquivo Nacional⁷.

Diante do exposto, não podemos afirmar que o embrechado brasileiro foi introduzido no século XIX, uma vez que não há documentação, mas é fato que esta

⁵ MACHADO, Zeila Maria de Oliveira. **Embrechado como representação de arte**: Repertório religioso do século XIX em Maceió, Nazaré, Jaguaripe e Salvador. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-Graduação da Escola de Belas-Artes da Universidade Federal da Bahia, orientado pela Professora Doutora Maria Hermínia Olivera Hernández, Salvador, 2012.

⁶ GOUGON, Henrique. **Mosaico, Itália e Bahia**: tudo a ver na arte de Antonello L'Abbate. 2008. Disponível em: <http://mosaicodobrasil.tripod.com/id55.html> Acesso em: 2 abr. 2012.

⁷ MACHADO, Zeila Maria de Oliveira. **Embrechado como representação de arte**: Repertório religioso do século XIX em Maceió, Nazaré, Jaguaripe e Salvador. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-Graduação da Escola de Belas-Artes da Universidade Federal da Bahia, orientado pela Professora Doutora Maria Hermínia Olivera Hernández, Salvador, 2012.

arte existe em diversas regiões brasileiras e é no nordeste que encontramos representações significativas nas edificações e jardins. Podemos apontar os templos religiosos, especificamente em suas fachadas (torres e frontões), capelas e jardins (bancos e paredes) como o ponto alvo para aplicação desta arte e, possivelmente, pertencentes ao século XIX, indicado pelo emprego do material, ou seja, as porcelanas inglesas e os azulejos portugueses desse mesmo período – dado confirmado na igreja Nossa Senhora dos Homens, no Estado de Alagoas, que passou pelo processo de restauro no ano de 2010, e se pode ter acesso às torres e frontão: identificou-se uma das porcelanas utilizadas nas torres de origem inglesa do século XIX, como também o azulejo português do século XIX. Enquanto na cidade de Salvador-BA, durante as pesquisas da dissertação intitulada “Embrechado como representação de arte: Repertório religioso do século XIX em Maceió, Nazaré, Jaguaripe e Salvador”, foi encontrado um exemplar na sala no Convento São Francisco em Salvador-BA remetendo à transição dos séculos XVII ao XVIII, confirmado pelo uso das faianças portuguesas do século XVII, canutilhos e conchas.

O embrechado é uma arte pouco valorizada, mas é possível afirmar que alcançou um momento glorioso em seu período de implantação. José Meco (especialista português na área de azulejaria) visitou o Brasil e identificou alguns exemplares:

*Nos jardins do Brasil são escassos hoje os exemplares, encontrando-se restos em Salvador, na Casa dos Bandeirantes, na Rua Augusto Guimarães, e na antiga Quinta dos Padres (ou do Tanque), mas devem ter sido mais frequentes, atendendo aos embrechados que ainda decoram alguns interiores (dependência na escadaria do Convento de São Francisco, em Salvador, sacristia da Igreja de Nossa Senhora da Saúde, no Rio de Janeiro) ou exteriores de edifícios religiosos, como o frontispício e a torre da Igreja da Penha, e os arremates das torres da Igreja dos Terceiros do Carmo, ambas em Salvador.*⁸

A arquitetura sempre fez uso dos revestimentos ao longo dos anos, uma vez que atende a três principais necessidades: Durabilidade, superfície e estética. No Brasil, durante os séculos XVII, XVIII e XIX, a azulejaria foi o alvo principal,

⁸ MECO, José. Azulejos e embrechados nos jardins portugueses dos séculos XVII e XVIII. In: FRANCO, José Eduardo; GOMES, Ana Cristina da Costa (coord.). **Jardins do mundo: discursos e práticas**. Lisboa: Gradiva, 2008, p. 410.

sendo até medidor da classe social, ou seja, quem tivesse azulejo em sua residência significava que era uma família abastada. Este tipo de revestimento vinha de Portugal e, portanto, pagava-se um preço alto. O azulejo foi empregado em todo país, mas é no nordeste que encontramos maior quantidade.

O embrechado surge no Brasil em escala menor, comparado com o azulejo, e é confundido, muitas vezes, com o mosaico. Sua representação é exibida de diversas formas e, preferencialmente, exposta em ambientes sacros ou jardins pertencentes a nobres casarões. É apresentado de forma harmoniosa, com singeleza e ingenuidade, retratando claramente o espírito da sociedade local.

Silva e Machado⁹ classificam o embrechado brasileiro em três tipos:

- (a) arte de aproveitamento, ou seja, o material utilizado são sobras de azulejos e porcelanas, fixados com o objetivo de preencher o espaço, sem a preocupação de cumprir qualquer tipo de composição planejada, as peças são aplicadas de forma aleatória;
- b) arte ingênua, ou melhor, o material é aplicado de forma desprentenciosa, porém percebe-se a intenção em se realizar uma composição harmônica;
- c) arte de embrechar, onde podemos reconhecer composições férteis em símbolos empregados de forma estudada previamente.

O embrechamento brasileiro se destaca em bancos e fontes de jardins, frontões e torres de igrejas, também encontramos em algumas capelas de igrejas. A região Nordeste se destaca, sendo que, na Bahia apresenta maior número de exemplares nas cidades de Salvador e vários interiores, a exemplo do Recôncavo baiano (Cachoeira, Belém de Cachoeira, Maragogipe, Nazaré e outras), todas com características do século XIX, exceto a sala do Convento São Francisco que pertence à transição dos séculos XVII para o XVIII, quer seja pela sua composição como pelo material utilizado.

⁹ SILVA, André Lourenço; MACHADO, Zeila Maria de Oliveira. Os embrechados na estética barroca: De Portugal ao Brasil. **Congresso luso-brasileiro do Barroco**. Bom Jesus de Braga, Portugal, Out 2011, p. 12-13.

Embrechados: Quinta das Lapas ao Convento São Francisco

A característica da arte de embrechar é o preenchimento de toda área escolhida com material diversificado (fragmentos de porcelana, porcelana inteira, seixo, concha e búzio), que entra em contraste com a rigidez das paredes dos edifícios e ao mesmo tempo reforça as linhas arquitetônicas, tornando-as leves e aparência de bordado parietal. Apresentam-se em forma de desenhos soltos, sem preocupação com um padrão definido, mas também pode encontrar medalhões e mandala; curiosamente, estão ligados ao ambiente sacro.

A história do Brasil é iniciada com a chegada dos portugueses para a exploração das terras e um dos legados da herança cultural foi à arte constituída por diversas expressões, tais como: a música, a culinária, as artes plásticas e a arquitetura. Dentre elas, a arquitetura apresenta destaque visual, devido a características específicas na construção das cidades e por suas edificações civis, governamentais e religiosas.

O embrechado, como abordado acima, é um bem integrado à arquitetura, e foi uma herança portuguesa encontrada principalmente, em igrejas (torres e frontões) e jardins (bancos) brasileiros. A data aproximada dessa arte no Brasil é o início do século XIX, dado obtido por meio dos materiais empregados: fragmentos de porcelanas de origem inglesa – período de abertura dos portos, da entrada de diversas mercadorias de consumo da Inglaterra, dentre elas a porcelana, como também, época de grandes reformas nas edificações religiosas, buscando alcançar a moda do momento, ou seja, transformar o estilo barroco em neoclássico, considerado a arte moderna daquele tempo.

Em Portugal, o embrechado surge entre os séculos XVI e XVII, se destacando em grutas e jardins. A composição foi caracterizada pela presença de cacos de porcelana *kraak* datada do final da dinastia Ming (1368-1644), primeira porcelana azul e branca produzida em grande quantidade e exportada para toda a Europa e o resto do mundo. O que diferencia o embrechado português dos demais países da Europa é que a sua composição possui maior diversidade de material e, com isso, passa a ser mais rica em detalhes e reluzente, como aponta Meco: É em especial a cintilação muito particular dos cacos e os rutilantes brilhos nacarados da madrepérola que diferenciam os embrechados portugueses dos congêneres

européus. Esta arte foi muito utilizada nas áreas conventuais, no interior das cercas, em grutas erguidas para representar milagres cristãos¹⁰.

Sobre as áreas conventuais, Albergaria¹¹ observa:

(...) todos os trabalhos com embrechados existentes nas Cercas dos conventos, pertenceram a ordens monásticas criadas ou reformadas a partir dos séculos XVI e XVII e obedecendo a um espírito eremítico. É o caso da Congregação dos Carmelitas descalços que fundou o mosteiro do Buçaco em 1526 (figura 6); dos Eremitas de S. Paulo, possuidores do mosteiro da Serra d'Ossa (reformado em 1578) e do convento de Nossa Senhora da Consolação de Serpa, criado em 1617; dos conventos de Franciscanos Arrábios, o primeiro foi fundado em 1539 na serra da Arrábida pela acção de Frei Martinho de Santa Maria e outros (...)

Das amostras brasileiras, Salvador abriga um resquício de exemplar no Convento franciscano, sendo possível classificar como dos mais antigos, em virtude da característica iconográfica e exame do material utilizado. Situado num dos cômodos do interior do Convento, dentro de um pequeno depósito, pertencente a uma sala maior, denominado sala dos frades. Hoje, funciona como depósito para acondicionar objetos variados, como cofre, imagens do presépio, azulejos etc., ofuscando, portanto, o embrechado. Dom Lucas – um dos frades mais antigos deste convento relata que, aquele depósito foi palco de um presépio permanente.

A composição da sala do Convento São Francisco, em Salvador [Figura 41.3], é semelhante à da cúpula da Casa de Fresco da Quinta das Lapas em Arneiro, Portugal [Figura 41.4], tanto no emprego de materiais como na composição artística, assim como nas cores aplicadas. Os dois exemplos foram idealizados em séculos diferentes, ambos se caracterizam pela elaboração artística composta por curvas e contracurvas, símbolo da linguagem barroca, demonstrando, desse modo, a influência portuguesa nos exemplares brasileiros. O embrechado do Convento São Francisco está em estado de degradação avançado, apresentando grandes perdas e distribuído em três paredes, sendo que, apenas uma se encontra em melhor estado de conservação, enquanto o da Quinta das Lapas está em excelente estado.

Uma das características do movimento barroco é o dinamismo do desenho expressado através das linhas curvas, o uso de tons fortes, a dramaticidade das

¹⁰ SILVA, André Lourenço. **Conservação e valorização do patrimônio**: os embrechados do Paço das Alcáçovas. Lisboa: Esfera do Caos, 2012.

¹¹ ALBERGARIA, Isabel Soares de. Os embrechados na arte portuguesa dos jardins. **Arquipélago – História**, Ponta Delgada, 2ª série, II, p. 481, 1997.

formas, a tendência ao decorativo, além de manifestar uma tensão entre o gosto pela materialidade opulenta e a demanda de uma vida espiritual¹². Os dois exemplos citados – Convento São Francisco e Quinta das Lapas – abordam essas características conforme descrição a seguir:

Sala do Convento São Francisco	Casa de fresco na Quinta das Lapas
Materiais	
<ul style="list-style-type: none"> - Fragmentos de faiança <ul style="list-style-type: none"> - Conchas - Canutilhos - Vidros 	<ul style="list-style-type: none"> - Fragmentos de porcelana <ul style="list-style-type: none"> - Conchas - Pedras calcárias - Quartzo - Vidros
Composição	
<ul style="list-style-type: none"> - Formas convexas e côncavas; <ul style="list-style-type: none"> - Plantas centralizadas; - Exploração de efeitos dramáticos de luz e sombra por meio de cores escuras e claras; - Organização livre, preenchendo o espaço disponível. 	<ul style="list-style-type: none"> - Uso de contraste entre cheios e vazios; <ul style="list-style-type: none"> - Formas convexas e côncavas; - Exploração de efeitos dramáticos de luz e sombra por meio de cores escuras e claras; - Organização livre, preenchendo o espaço disponível.

O exemplar brasileiro – sala dos frades do Convento São Francisco, conforme citado em tabela acima, é constituído de faiança portuguesa em padrões variados pertencentes à segunda metade do século XVII, com predominância do tom azul de cobalto, é pintado à mão com motivo fitomórfico e pasta cerâmica de cor creme. Também foi encontrada uma pequena variedade nos tons: amarelo, verde e manganês¹³.

Os materiais empregados na arte de embrechar são fixados com argamassa de areia e cal na proporção de 2:1, aplicada sobre o reboco do edifício. O exame laboratorial da argamassa de assentamento da sala do Convento São Francisco foi realizado no laboratório da Universidade Federal (NTPR – Núcleo de Tecnologia da Preservação e Restauração), confirmando, portanto, o tipo de argamassa, compatível com o período de manufatura, de acordo tabelas a seguir:

¹² BAZIN, Germain. **A Arquitetura religiosa barroca no Brasil**. Rio de Janeiro: Record, 1956. 2 v.

¹³ BRANCANTE, Eldino da F. **O Brasil e a cerâmica antiga**. São Paulo: Lithographia Ypiranga, 1980.

Ensaio 1- Ensaio Simples de Argamassa

Amostra	Argamassa
% Finos (argila e silte)	3,65
% Grossos (areia)	0,46
% Ligante (resíduo solúvel)	95,91
Traço provável (em massa) – (ligante: argila e silte; areia)	1,00: 0,06: 0,04

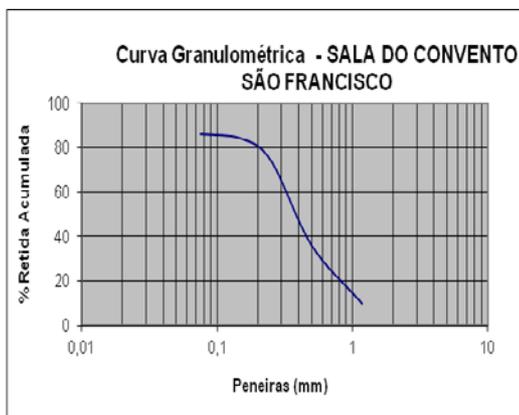
Ligante: cal (80% certeza); Traço: forte.

Ensaio 2 - Granulometria do agregado após ataque ácido e remoção dos finos

Peneiras n.	16 (1,18 mm)	35 (0,50 mm)	60 (0,25 mm)	100 (0,15 mm)	200 (0,075 mm)	>200 (fundo)
% RETIDO	10	26	38	10	2	8

Ensaio 3 - Determinação da cor (Tabela de Munsell)

Cor dos finos: Hue 10Ya 6/3 Pole Brown



CONVENTO SÃO FRANCISCO

A quantidade de amostra foi restrita (0,50 g), mas a curva se apresentou com boa distribuição.

Kanan ¹⁴ esclarece a importância da argamassa para determinação do período de construção:

Determinar as características dos agregados das argamassas antigas é fundamental, já que influenciaram várias propriedades, tais como resistência, textura, porosidade e cor. (...) Idealmente a areia deve apresentar uma distribuição de grãos uniformemente variada, do maior ao menor tamanho, porém, as análises

¹⁴ KANAN, Maria Isabel. **Manual de conservação e intervenção em argamassas e revestimentos à base de cal**. Brasília: Iphan/Programa Monumenta, 2008, p. 38.

das amostras antigas mostram que, muitas vezes, as propriedades das diferentes frações variam de um local para outro. (...) A curva granulométrica dos agregados antigos quase nunca corresponde às usadas hoje. Essa curva geralmente apresenta grande quantidade de finos, partículas menores que 0,075 mm, compostos de argilas, siltes, ou componentes hidráulicos, bem como proporções relativamente altas de grãos maiores que 4 mm.

As conchas também foram analisadas pelo biólogo do Laboratório de Malacologia e Ecologia de Bentos da Universidade Federal da Bahia (LAMEB), Cássio Lopes, que identificou a presença de duas classes: Gastropada, distribuída em duas famílias – Cypraeidae e Bullidae; Bivalvia, distribuídas em quatro famílias – Arcidae, Glycymeridae, Tellinidae e Donacidae. Espécies encontradas com fartura na Baía de Todos os Santos, conforme esclareceu o citado biólogo.

Pode-se afirmar que esse exemplar foi elaborado com critério no que se diz respeito a escolha das conchas, dado confirmado após o exame das conchas, havendo inclusive o cuidado da escolha dos tons das mesmas, ocorreu equilíbrio tanto das cores como das dimensões. Na composição também foram utilizados canutilhos, material muito utilizado no embrechamento português, conforme ressalta Silva¹⁵: “Estas inconfundíveis contas apresentam sempre uma forma cilíndrica alongada (ovoide) com as extremidades facetadas em bico. É formada por várias camadas vítreas sobrepostas, predominando a cor azul (por vezes o verde), o branco leitoso/opalino e o vermelho/castanho”.

Ao analisar o todo deste exemplar, observa-se que todo material empregado é de origem portuguesa, de transição dos séculos XVII para o XVIII, exceto as conchas, originadas da Baía de Todos os Santos, cidade de Salvador. Afirmção obtida após os exames realizados. Infelizmente, não foi possível examinar a data das conchas, dado importante para obtenção da data mais próxima deste exemplar.

O embrechado brasileiro, apesar de pouco divulgado, é uma arte rica em detalhes, carrega um pouco de ingenuidade no que se refere à composição, evidencia forte influência portuguesa, integrando-se de forma harmoniosa, com particular expressão e singeleza. Está presente em ambientes sacros ou nobres, retratando não apenas o espírito da sociedade local, mas, principalmente, o espírito do colonizador, seja no uso do material empregado, todos de origem estrangeira, seja na composição artística.

¹⁵ SILVA, 2012, p. 87.

Conclusão

O embrechamento no Brasil, de modo geral, é considerado uma arte menor ou um simples revestimento arquitetônico que foi utilizado por falta de recurso, aproveitando as porcelanas cujos conjuntos estavam incompletos, foi, portanto, uma arte observada com certa curiosidade e pouco utilizada nas diversas regiões do país.

No Nordeste brasileiro esta arte foi disseminada em Salvador-Bahia, existe um exemplar precioso fixado na sala do Convento São Francisco. Podemos confirmar que pertence ao século XVIII ou até mesmo do XVII, pela presença de fragmentos de faiança azul e branca e os canutilhos de origem portuguesa, e até mesmo as conchas, procedentes da Baía de Todos os Santos, que se apresentam bem desgastadas, indicando, assim, a idade avançada.

A composição da sala do Convento São Francisco, em Salvador – Brasil, é semelhante à da cúpula da Casa de Fresco da Quinta de Santa Maria em Arneiro – Portugal, como apontado pelo emprego de materiais e composição artística, como também pelas cores aplicadas. Embora produzidas em séculos diferentes, ambas se caracterizam pela elaboração artística composta por curvas e contra curvas, muito aplicadas na linguagem barroca. Os dois exemplos – Convento São Francisco e Quinta das Lapas – abordam características semelhantes. Para confirmação do período, foi realizado estudo comparativo de alguns tipos de fragmentos das faianças da sala do Convento São Francisco com faianças portuguesas do século XVII, assim como o estudo de tipos de conchas encontradas na sala do Convento São Francisco. Concluiu-se que o emprego do embrechado de origem italiana, difundiu pela Europa, chegando ao Brasil num período de transição entre os séculos XVIII e XIX.



Figura 41.1 - Principal banco do Jardim das Princesas – Rio de Janeiro.



Figura 41.2 - Gruta do Jardim das Princesas – Rio de Janeiro.



Figura 41.3 - Embrechado em uma das paredes do depósito da sala dos frades do convento São Francisco, Salvador – Bahia.



Figura 41.4 - Embrechado da cúpula da casa de Fresco da Quinta das Lapas, Arneiro, Portugal.